

Redacção, Administração e Propriedade CASA DO GAIATO-PACO DE SOUSA - Telef. 5 CETE	Director e Editor PADRE AMÉRICO
Composto e Impresso na TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PACO DE SOUSA	Vales de Correio para PACO DE SOUSA

AVENÇA



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X * N.º 247 * PREÇO 1500

Um cheque de vinte deles

Foi nos escritórios da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, ao Salitre, Lisboa. O Senhor Engenheiro Quartim Graça abre a porta que diz para o formosíssimo átrio, aonde eram uns 300 empregados reunidos e leu:

«A Direcção da Casa dos Empregados do Organismo a que V. Ex.^a dignamente preside, tem a satisfação de vir junto de V. Ex.^a desempenhar se duma missão de que foi encarregada pelo pessoal da F. N. P. T.

Consiste essa missão, em comunicar a V. Ex.^a o desejo do pessoal que serve a F. N. P. T. de oferecer, dentro do modesto limite das suas possibilidades, uma pequena contribuição para as comemorações XX^o aniversário do organismo que têm a honra de servir. E essa contribuição será a de oferecer o rendimento ilíquido dum dia de trabalho para que, com a importância resultante se possa erguer uma casa do «Património dos Pobres», casa esta que ficará designada como «Casa do Trigo», em homenagem à Direcção da F. N. P. T. e ao cereal que representa o ganha-pão de todos nós, e onde uma lápide lembrará o XX aniversário da F. N. P. T.

Para a realização desta ideia e para aplicação do capital que está representado nas listas que se encontram já de posse dos Serviços de Contabilidade da Federação, vimos solicitar a V. Ex.^a a necessária autorização, bem como, pedir a antecipação da importância subscrita a fim de permitir a sua rápida efectivação.

Mais nos permitimos solicitar a V. Ex.^a o obéquio de transmitir à Obra do Padre Américo a dívida do pessoal da F. N. P. T. cuja contribuição no valor de 18.712\$00, depomos nas mãos de V. Ex.^a.

P.^o Adriano estava ao pé, dois padres da rua. Olho para a multidão, de onde se destaca um empregado com um cheque na mão. Dentro do papel tão pequenino eram actos heroicos de centenas d'homens, a quem fez muita falta o dia de trabalho. Foi um escoamento grato e engrandecido aos olhos de Deus! Eu não tinha nada a dizer diante de uma eloquência esmagadora. Por muito que se dissesse, mais tinham eles dito, oferecendo o rendimento em cheiro de um dia de trabalho! Mas avisei. Comuniquei e no dia seguinte assim o fiz, no altar da nossa capela: coloquei na patena a vida inteira de cada um dos funcionários da Organização: Dirigentes idem.— *Pai Santo, Deus vivo e verdadeiro, aceitai!*

Crentes e descrentes, conforme então lhes disse; por vontade

ou contra; os que estavam ali e os que não vieram; todos. *Pai Santo, aceitar.*

Já escolhemos o sítio para a Casa do Trigo. É na estrada Loures—Bucelas, alto de S. Roque, mesmo à beirinha e aproveitando as ruínas de uma capela.

Fica a dominar; é a Casa do Trigo.

Agora

Como noutra parte dizemos, nós tínhamos ido a Barcelos dar ânimo e receber ânimo dos vicentinos daquela terra. Eramos quatro no Morris. Calhou-nos um Solar, aonde tomamos a refeição do meio dia. Tenho muita pena, sempre que oiço dizer que, por venda ou troca, um solar passou de mão. Este aonde estivemos, é da marca e está na marca. Primeiramente a construção da época, com tudo quanto lhe diz respeito. Depois vem o recheio: as peças de mobília e sua disposição. As porcelanas. As joias de família. As estátuas. As pinturas. Séculos de tradição. Finalmente os seus actuais habitantes e maneira fidalga como recebem. Tenho pena, muita pena quando oiço ou leio a notícia de ter passado de mão tal maravilha. E passam tantos! Nunca mais voltam a ser o que eram, ainda que, de arruinados, sejam reconstruídos. Nunca mais. Porquê? Por causa dos mortos. Saíam os donos e eles não tornam mais a falar!

Muito bem. Ao doce, eu peço ao Avelino que preencha um cheque de doze contos à ordem do Prior de Barcelos.

Despedimo-nos. Demos volta por Esposende, Póvoa, Vila do Conde e Leça. Chegamos a casa à tardinha. Sobre a mesa de trabalho, tinha à minha espera um monte de cartas. A primeira que abro é do Brasil e trazia dentro um cheque de doze contos: *vendi o meu piano por doze contos, que se destinam a uma casa do Património.* Não se trata de um milagre. Não senhor. Não se alteraram as forças da natureza. Ninguém viu manchas no sol. Nada. Então quê? Deus governando suavemente. Eis.

Tudo isto vai e é a procissão d'hoje. Nem mais andores, nem mais anjinhos, nem mais nada.

Afinal, agora que a procissão ia mesmo, mesmo a recolher, olho e vejo ao longe a Emissora do Aero Clube da Beira com uma casa na mão. Ela foi objecto de muitas palestras escutadas por muitos ouvintes. Não pode ficar à espera quem tão a propósito vem. Por isso, val.



Aqui, LISBOA!

Sempre que começo a crónica dos «maises» como entre nós chamamos à notícia dos donativos, eu tenho a sensação de ir aborrecer terrivelmente os senhores. E no entanto esta crónica é querida pelos leitores e ela é de si mesmo eloquente. Diz quanto nos estima a nação que nos sustenta, e qual a confiança que deposita nesta amorosa «desorganização».

Houvesse cá funcionários, inqueritos, estatística, contabilidade apurada e o povo perguntaria em que era gasto o seu dinheiro. Era nisto, na organização. Aos pobres, depois de muito bem recenseados, dizíamos boas palavras... para lhes matar a fome.

Eu vi há dias o maço de papéis que uma obra de assistência tem de preencher mensalmente em troca de 1.500\$00. Pasmei. Mas isso quase exige um empregado que ganhará os 1.500\$00 — disse. E assim seria se um punhado de «carolas» o não suprisse.

Pois em troca dos muitos contos e quinhentos que os senhores nos deram no correr do mês (sem contar o amor com que o fizeram, que é o melhor!) aqui vai o nosso recibo, sem selo fiscal.

As alunas dos liceus femininos continuam animadas. Depois do Porto, Lisboa com uma festa no Liceu Maria Amália que rendeu 3.375\$00 e mais 31\$ de jornais vendidos, fora roupas calçado e mercearia vária. Uma lisboeta bairrista que mandava 100\$ mensais para Paço de Sousa, resolve passar o donativo para o Tojal. Faz muito bem. (Vamos a ver se os tipógrafos de Paço de Sousa deixam passar a minha aprovação.) Cá se rezarão as orações que pede pela conversão dum ateu.

Em resposta ao pedido do Gouveia, uma toalha e sua legenda: «Li, chorei, mandei.» É uma maneira nova de «chegar, ver e vencer»!

Do Montepio uma furgoneta de coisas: tecidos, roupas feitas, livros canecas de alumínio, mantas de malha a aproveitar lá usada, oferta de umas senhoras de idade, remédios, alianças de ouro, toalhas, prendas para os noivos de Paço de Sousa etc, etc. Além disto, dinheiro depositado e uma obra de Columbano para ser vendida pela maior oferta. Têm a palavra os amadores de arte. Discos, do Tojal e remédios trazidos pelos vendedores do fa-

E já agora, também o Amigo senhor J. M. Fernandes, da mesma cidade, enfleira com com outra casa. E acabou.

moso e duas vezes 20\$ para a conferência. (Apesar das notícias serem do Tojal, eu lembro aos senhores a conferência do Lar de Lisboa que dá seus primeiros passos.) 100\$ de «alguém que também quer ajudar os seus irmãos do Gaiato». Seis bolas e outros tantos rings da Casa Leacock. Ninguém nos julgue ricos de bolas porque elas eram feitas de duas semi-esferas coladas e reventam num ai. Restam duas, de tanto que eu as tenho resguardado. Um engenheiro de máquinas, cansado do vazio que em si deixa a maneira banal de passar os ócios, oferece os seus préstimos. Deixou 50\$, partiu satisfeito e eu assim fiquei pela conversa que tivemos. De muitos modos Deus se revela aos homens de boa vontade. Para estes, a Paz — cantaram os Anjos na noite de Natal. Mas esta Paz conquista-se com inquietação. Que Deus continue a inquietá-lo — são os meus votos, Sr. Engenheiro. De uma senhora francesa, uma bola de futebol, duas bicicletas, prendas para o Júlio e António carpinteiro e uma linda carta. Esperamos que seus filhos tenham feito bons exames.

De um Engenheiro. 1.000\$ Empregados do Crédito Predial, 50\$. E agora sou eu mesmo a agradecer a uma «Alentejana» 1.000\$ para as obras da Igreja «afim de que lá possa celebrar a sua primeira missa». Tan bém esta senhora me pede uma missa por suas intenções e obrigações. Registo com muita alegria esta primeira intenção que me confiou, mas previno que ainda falta muito para poder satisfazê-la.

Visitantes da LOCF de Fátima, deram de portagem 273\$50. Mais visitantes com 20\$ e 100\$ e 50\$ e 120\$.

O fogo pró S. Pedro na importância de 273\$50, trouxe factura liquidada. Mais 3 toalhas de duas amigas e assinantes e outra da Nini, já velha conhecida.

De um pároco de Lisboa 120\$ e do Hospital de S. José, 100\$ para o Património.

E os empregados da Vacuum com 1.265\$ pela 74^a vez e mais 60\$ em selos por intermédio do Sr. Jonet. Por carta, 40\$ e 100\$, ambas de Lisboa.

Para lençóis das casas dos pobres; 500\$ entregues à porta dum Igreja. Roupas e revistas da Buzy Comercial da Beira e mais roupa de visitantes. E de Vila Franca uma cabra ainda novinha que veio espalhar o terror entre as ovelhas e se espera que acabe por aceitar viver em paz.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

«Primeiro pedimos desculpa de vos virmos incomodar e roubar-lhe o seu tempo. Somos 7 crianças de 9 a 12 anos do lugar e freguesia de Pataias. Ontem fomos visitar aqui uma família muito pobrezinha. A mãe é ceguinha e tem 7 filhos quase todos pequeninos e um ainda de colo. O pai é jornaleiro, e nem sempre trabalha todos os dias da semana por não ter onde trabalhar. A ceguinha anda a pedir esmola de porta em porta. Ontem fomos lá levar os esmolas que entre todos juntamos e vimos a casa pobrezinha, ampla, apenas tem uma esteira de palha a dividir a casa que é uma arribana de uma eira e o sobrado é de feno em cima da terra. Vimos também a desgraça da criança de colo que tinha-lhe passado pela cara uma centopeia ferindo a toda. Ali naquela arribana tudo é miséria e pobreza pois vivem quase como animais. Tem apenas duas camas quase sem roupa, e como se sabe têm de dormir uns com as cabeças para um lado, outros para o outro em monte. Tudo isto nos meteu dó e por isso combinamos todos em ir fazer uma casinha mesmo modesta que seja, como aquelas que o

Sr. P.º Américo tem feito para tantas famílias pobrezinhas e das quais eu tenho ouvido falar em Coimbra. Já contamos esta nossa ideia de fazer a casa para a pobrezinha ao Sr. Prior da nossa freguesia e ele é que nos entusiasmou e nos vai auxiliar muito. Queremos fazer uma casa do Patrímónio dos Pobres. Agora vamos pedir esmola de porta em porta e já temos prometido 3 775\$00. Esperamos que dêem pedra, col, cimento, tijolo, madeira, telha, etc. Se o Sr. P.º Américo nos quiser também ajudar com alguma coisinha agradecemos muito, e esperamos que o Sr. P.º Américo depois cá possa vir assistir à inauguração e ver a casinha. Desculpe-nos estas massadas e abençoe-nos a todos nós que esperamos a sua resposta.

Esqueçamos de lhe dizer também que esta família tem de pagar renda de casa, e ela já não tem para comer quanto mais para pagar a renda. Desejamos da sua saúde para tratar dos pobrezinhos e dos meninos da rua. Quando nós pudermos também lhe mandaremos algumas esmolas. Pedimos também para nos mandar o seu jornal. Somos muito agradecidos:

José Alberto Carneira Rino -- 12 anos
 António Fernandes da Encarnação Custódio -- 9 anos
 António Emídio da Silva Pereira -- 10 anos
 Sérgio Coutinho de S. Gil -- 10 anos
 Antero Duarte das Neves -- 10 anos
 António Eduardo Carneira Rino -- 9 anos
 António Marujo Luz -- 11 anos

Pataias (Oeste)

Não me tenho que não dê à estampa esta carta que tinha, assinada por sete Inocentes de Pataias, confirmando, assim, ser a palavra deles, o verdadeiro arauto das aventuras de Deus. Sim, porque estas crianças meteram-se numa aventura e ninguém duvide que elas a não levem ao fim. Não vamos aqui afirmar que a redacção da carta é deles; o mais velho tem apenas 12 anos. Não vamos dizer. Mas a verdade

transluz. A descrição é exacta. O episódio da centopeia impressiona. É aquele a mãe e a ceguinha e tem 7 filhos é a eloquência dos pequeninos aventureiros de Deus. Eles começam. Outros hão-de prosseguir.

Da minha visita a Barcelos, trouxe a certeza de que o Prior e Vicentinos da cidade, vão fazer render o cheque de doze contos que a i deixei licar. Fomos ver os



AS CASAS DE MIRANDELA FALAM POR SI. A NOVA PALAVRA PATRIMÓNIO DOS POBRES, EM VEZ DE NO CUNHAL, AQUI, APARECE GRAVADA NA ROCHA; A DIREITA.



OUTRO ASPECTO DAS CASAS DE MIRANDELA E SEUS FELIZES HABITANTES. SE PARA TRÁS DO MARÃO MANDAM OS QUE LÁ ESTÃO, QUE MANDEM FAZER MAIS DELAS.

terrenos oferecidos; dois são à beira da estrada, um é no interior e qualquer deles dá para casa e seu quintal. Barcelos vai oferecer moradias aos seus pobres. Cada freguesia, cada cidade, todo o mundo! Enquanto não tivermos dado a cada um aquilo que legitimamente lhe pertence, nada temos feito. E tanto assim é que, tendo nós começado este movimento há dois magros anos, o Mundo toma por muito e por bem o que se está fazendo e todos esperam que se faça mais.

Quando há dias, em Lisboa, entrava, humildemente, nas dependências da Junta Autónoma das Estradas, ouvi esta formosa ironia: nós só lhe pedimos que não construa casas no meio das estradas. É a hora em que todos os que podem se levantarem da cama e esfregarem os olhos e comecem a ver como alguns já fazem; nessa hora, digo, podemos encher de casas as curvas e recantos entregues hoje à fazenda, e nelas, produzir hortaliça e pão. Tudo está na mão dos

Nem só os livros ensinam; a prática também nos diz que a superfície do globo ocupada por água é muito mais extensa do que a terra. Esta viagem de S. Tomé à Costa do Ouro, confirma. As horas deslizaram todas sobre o mar. Houve tempo de conversar, tempo de dormir. Merendar. Fui por duas vezes ao bico da proa observar a navegação. O piloto está, sim, mas não põe as mãos no leme. E o avião por sobre as ondas. Mais uns minutos e nós vamos descer; já há muito que vamos a costa. O aeroporto de Acra, fica na orla do mar. Não há obstáculos. Não se vê uma casa. Distância também não. Saídos das ondas pousamos em terra e pronto. O sol era ainda alto. Foi aqui o meu primeiro contacto com negros em ocupações e lugares tomados por brancos em outros sítios de África. Bem vestidos. Escanhoados Negros. A Alfândega. A Saúde. A Emigração. A Polícia. São eles e não é mais ninguém.

Desembarcados e saídos do porto, atravessamos a rua e logo demos no restaurante, que ostenta o nome de Lisboa, tendo sabido que a gerência é de um português. Este e mais anexos, ocupam uma área imensa e formam um todo desmantelado sem arte, nem conforto, nem proporções. Dir-se-ia uma coisa passageira que está ali com o fim de receber passageiros durante as horas de espera. Recordei o grandioso porto de Brazaville, construído, ao que ouvi, pelo próprio governo Francês; o qual, em tudo e por tudo, merece o nome de pomposo! Mas não. Aqui não. Aqui é Acra. Tal como no porto de desembarque, também o serviço do hotel é conduzido por negros. Não vi um branco a dirigir. E mais perguntei por ele, quando o preto que distribuía quartos me quis dar um pouco decente.

O avião partia no dia seguinte e eu, já agora, desejava ver Acra. Ali não era nada; era uma ponta

do continente aonde o mar começa. Falei com o Júlio. Ele concordou. Chamamos um taxi, por sinal um Morris igual ao nosso. Como fosse tudo pretos e eu não andasse afeito, nem me quisesse afazer a meter-me nas mãos deles, perguntei a um passageiro de outros aviões, qual a distância e a taxa dali à cidade e fiz bem, porquanto, o motorista, julgando-me incauto, pediu-me quase o dobro!

Aí vamos nós. O inglês era a nossa linguagem. O rapaz falava quase correctamente e ia explicando à maneira que eu perguntava. Era uma estrada muito larga, bem pavimentada. Numã e noutra margem, disseminadas e por entre arvoredos, eram lindas residências pintadas de branco, aonde moram os ingleses. Não há aglomerados. Não há sequer duas casas juntas. Não sei a que obedece uma tal disposição. O automóvel desliza. Segundo o motorista, es amos perto da cidade indígena. Daí a nada eram as primeiras casas, depois as ruas e agora o centro. Eu nunca vi nada mais impróprio em toda a minha vida! O Motorista não dava fé, porquanto se interessava e queria que nós vissemos tudo. Ao que me pareceu, Acra é testa de um caminho de ferro que diz para o interior. Sem porto nem cais, havia, contudo, alguns vapores de carga ancorados ao largo. Esta, era transportada em botes até ao quebrar das ondas e assim despejada na praia. Regressamos ao chamado hotel. A mesa estava posta e fomos comer. Já assim tinha sido em São Tomé e agora era na mesma, mesa posta para os sete passageiros e outra ao pé, para os tripulantes. Talvez devido ao nome do restaurante, Lisboa, apareceu um prato que cheirava a português, mas o mais, era refinadamente inglês. Nem pão havia! Pão que bastasse para o Júlio e este começa a fazer-me queixa e a torcer o nariz. Eu ouvi e consolei-o com a esperança de chegarmos amanhã a Lisboa. Saímos da mesa e viemos até aquilo a que ali se chama esplanada. Era o lugar e a hora dos grogs. Por entre brancos e brancas e na mesma mesa, quase que do mesmo copo, bebiam pretos e pretas. Confesso que não gostei. Se o apartado da África do Sul é um extremo, aquilo pareceu-me ser outro.

A hospedeira marca e avisa a hora da partida; madrugada do dia seguinte. Tudo estava prevenido para que nos acordassem àquela hora. Dirigi-me aos aposentos e Júlio também. As portas são de rede. Ao pé, dentro de esteiras, estão os pretos que nos hão de acordar ao cantar do galo. Tomamos um banho de chuva. A hospedeira faz a chamada e confere pela lista. Está tudo. Documentos em ordem. Pilotos no comando. Fecha-se a porta. Os motores roncam. Eu faço as orações da manhã. Vamos almoçar à Libéria.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE A

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
 PAÇO DE SOUSA

crístãos. A obra é da Igreja.

Barbacena vai começar outra casa. A primeira ficou por 15 contos e esta segunda, espera o seu pároco, por outros tantos. Quando, há dez anos, começámos obras em grande estilo, o mestre delas costumava ser fraternalmente avisado: Não se fie. Tenha cautela. Olhe que o dinheiro não cai do Céu. Pois cai sim sim senhor. É mesmo de lá que este dinheiro vem. O pároco de Barbacena não se engana, começando desde já outra casa.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA Já acabaram os exames cá na nossa Aldeia. Todos ficaram bem.

Dos 23 que fizeram, 6 ficaram distintos, que foram: Carlitos, Armandito, Fabião, Foz Pombo, ha e Areusa.

O Foz e o Carlitos, merecem uma referência especial, pois eram da escola da noite.

Agora cada um destes rapazes, tem direito a escolher o emprego, para entrarem na vida.

—Leitor se tens alguma coisa que te não faça falta, lembra-te da nossa conferência. Algumas calças escuras, para cobrir os nossos pobres; roupas de cama, e até mesmo uma cama, que o libertará da imunda enxerga de serapilheira. E outras coisas mais que não farão falta e dão ao Pobre mais conforto e alegria de viver!...

—Mais uma vez lembro o pedido que fiz no número passado: selos para a coleção deste croquista. Para os senhores não se enganarem, é só escrever para Daniel Borges da Silva, Casa Gaiato—Paço de Sousa.

—Continuam a chegar pedidos para o *Barredo*, mas agora um pouco devagar. Por isso ainda há tempo para a gum amigo que ainda esteja atrasado, adquiri-lo.

—As nossas oficinas de tipografia não têm bastante trabalho. Precisa de mais, e mais variado para nós aprendermos toda a qualidade de serviço, —para quando formos empregados estarmos habituados.

Por isso, se algum nosso amigo tiver algum trabalhinho... é só mandar executar.

—O Senhor Padre Babo, um dos nossos assinantes mais antigos, gostava de possuir a coleção do *Melhor do Mundo* (O Gaiato), mas faltam-lhe os números: 1, 9, 10, 86, 127.

Quem levanta o dedo?

—Nós andamos agora muito animados, com o skate em patins e é por isso que temos andado sempre a chatiar o Pai Américo para nos fazer um rink.

O cascalho já está quase todo partido... mas falta o melhor...

Vamos a ver se esta causa vinga.

—Com a ida do nosso antigo barbeiro para um emprego no Porto, passou a ocupar o seu cargo o Machado, que mostra ter muita habilidade para o serviço.

Ainda não cortá cabelos, mas já tem feito a barba a alguns e bem... a não ser umas arranhadelinhas...

—A obra das oficinas, já vai bastante adiantada. Por este andamento dentro de pouco tempo teremos as nossas oficinas a funcionar e é bom que assim seja, pois estão muito apertadas e dispersas.

Daniel Borges da Silva

DOCTRINA

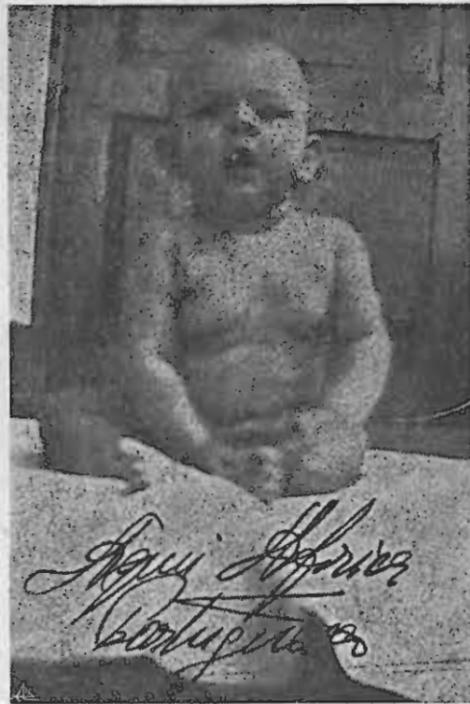
Temos tido a felicidade de colocar, ultimamente, alguns dos nossos Rapazes nas proximidades das terras de onde vieram. É o melhor bem que lhes podemos dar; furtá-los ao ergano das cidades; livrá-los do Mundo, do Diabo e da Carne. Temos alfaiates. Temos sapateiros. Temos pedreiros. Temos tipógrafos. A estes, o Júlio está dando prática geral, para que eles saibam um bocado de cada coisa e assim possam vir a ser úteis em qualquer oficina da Província. Aqui deixamos aos nossos amigos este nosso intento e esperamos que nos dê a mão. Não lançamos, evidentemente; mas que cada um vai disposto a tomar conta e a dar conta, isso é verdade. *Tenha confiança em mim*, é a última palavra dos que saem para o emprego. E nós temos de acreditar. Deus olha para a disposição interior de cada homem, em dado momento. A nossa vida é mesmo uma sucessão contínua de momentos. *Agora começa*, dizem os santos. Sim; temos de acreditar.

NOTÍCIAS DE ÁFRICA

Enquanto não publicamos fotografias e damos o relato de mais trabalhadores prestes a embarcar, vimos hoje a este mirante dizer algo de um que já embarcou. Trata-se do Amadeu Fino, carpinteiro, que está ao serviço da *Brigada de Construção de Casas do Estado*, em Luanda. O Amadeu foi nosso até aos 20 anos. Levou de cá a 4.ª classe, ofício, algum dinheiro e instalou-se na Covilhã, sua terra natal. Daí a pouco escreve a dizer que não lhe chega o salário. Casa-se. Pior! Agora é quase fome. Como eu estivesse com o pé no estribo para Luanda, o ano passado, disse-lhe para se preparar. Desembarcamos nos fins de Julho. Amadeu toma imediatamente conta do seu emprego. Eu adoço. Fiz uma quizzona, convalescendo. Ele também a fez, trabalhando. Ainda na Casa de Saúde, e aí vem o carpinteiro pela porta dentro, sem pedir licença a ninguém. Os olhos faiscavam. Trazia nas mãos notas do Banco de Angola. Conta. Mostra — *olhe as aqui*. Eu estava reclinado em duas grandes almofadas, Júlio ao pé.

Carpinteiro, sem se dirigir a ninguém, desata a passear no quarto e em voz alta, deixa cair palavras ásperas: *na Covilhã não chegava. Aqui sopra*. Nisto faz pausa. Aproxima-se da janela e berro: *Portugal é mas é aqui; Covilhã é África!*

Júlio mais eu escutávamos os azedumes. O exaltado desdobra as notas do Banco, diz as quantias que



dispendeu, quanto lhe sobrou, e remata: *eu não torno mais pr'aquela miséria.*

Passou-se um ano e hoje recebo carta do Amadeu e fotografia do seu primeiro filho. Ele pretende que eu o ajude a construir a sua casa. Que peça terreno ao Governador. Que tem colegas prontos a dar tempo nas suas horas. *Três quartos, casa de banho, uma sala e capoeira*. eis a designação do interessado. Que responderis tu, ó Leitor, se estivesse nas minhas condições; que responderias? Ora é isso mesmo! Estar os entendidos. Amadeu vai ter a sua casa.

Trouxe de Luanda algumas centenas de contos em papel; outros estão ainda a chegar, mas é tudo papel. Nós cá não. Nós, em troca, mandamos esterlino: uma família. Uma família estabelecida, arregaçada. A capoeira. O pequenino quintal com nabçis. O caixilho do milagreiro Santo António. O terço à noite. A missa ao domingo. — Esterlino!

Uma família portuguesa a manter a tradição do berço de Portugal e a falar português. Que se rasguem mapas e tratados; que outros ameacem em voltas e revoltas. Que import? Fica a língua mãe! tradição. É isto mesmo que está proclamando o filho do Amadeu, tendo o pai escrito com a sua letra e punho — *Aqui África Portuguesa.*

Desde os tempos do Brasil que temos assistido a erros de colonização. Agora, na África, também. A inteligência dos homens está sujeita. Uns, com erros por sua conta. Outros, repetem os dos outros e tudo é errar. Porém, neste caso, não. Um indivíduo apto, que se adapta e chama por outro. Uma família que ergue a sua casa, cultiva a sua horta e chama por outra. Valores isolados e silenciosos que produzem e se reproduzem. Eis. Não há o aparato, sim. Mas há firmeza.

A Venda do Jornal

EM SANTO TIRSO

Como de costume, levei 70 jornais para a Trofa e S.º Tirso. Vendi 45 na Trofa e 25 em S.º Tirso. Graças a Deus que estas duas terras estão a mostrar bem o carinho que têm para com a Casa do Gaiato. Uns dizem: nós vamos aqui organizar uma excursão lá a Paço de Sousa e ao qual logo respondem outros que vivem: Realmente, eu gostava de ir ver essa grande Obra.

Estes senhores têm razão em dizer grande Obra, mas ainda podia ser maior se toda a gente quizesse.

Agora andam a falar em casas do Património dos Pobres. O Pai Américo ainda afrouzou, mas Deus queira que sim porque realmente também se lá vê muita miséria.

Desta vez fui comer a casa de uns senhores que eu ainda não sei o nome. Acabei de comer e fui pedir a bicicleta ao sr. Vlhena que me empresta para ir a S.º Tirso com os jornais. Ele empresta-me com toda a boa vontade e eu hei-de fazer o possível para fazer tudo que puder por este senhor.

Torno a lembrar que os acréscimos têm sido muito poucos.

Aqui nesta crónica deixo os meus agradecimentos ao sr. Orlando de Coimbra, que me mandou alguns selos com a promessa de mandar mais quando puder. Ainda estou à espera de um album. Cá espero alguns selos que alguém me mande e até à próxima.

Manuel Figueiredo

Crónica de bordo

Cheguei ao Luabo. No dia 29 de Junho desembarquei na Beira e nesse mesmo dia seguí para Caia, onde pernoitei. No dia seguinte de novo em viagem fui até Marromeu, onde tinha o Teles à minha espera. Quando nos encontramos, demos um daqueles abraços bem apertados, pois já há três anos que não nos víamos. Permaneci dia e meio em Marromeu e no dia 2 de Julho apresentei-me no Luabo, onde tinha o Amadeu Mendes à minha espera. Foi mais outro grande abraço. Depois de conversarmos um pouco sobre novidades da nossa Obra, o Amadeu fez-me apresentar aos que são agora meus colegas de trabalho.

Nesta ocasião em que escrevo

UMA INAUGURAÇÃO

É no próximo dia 6 de Setembro com a presença do Senhor Bispo de Coimbra. A Casa aonde a Obra nasceu, hoje enriquecida com um admirável edifício, onde estão chuveiros no rés do chão, cozinha e refeitório no primeiro andar e dependências das senhoras no segundo. Do que eu mais gosto, é de saber e ter observado, que todo este trabalho foi risco e execução dos P. P. Adriano e Hrácio. Que Beleza! Padres obreiros!

Eu cá não risquei, sim, mas andei...! Eu é que ando sempre...!

ANALFABETISMO

Se fosse possível classificar obras e empreendimentos do actual Governo, a caça aos analfabetos dir-se-ia o principal, de bem feita e bem dirigida. Ocação suave. Meios legítimos. Atinge cada um. Livro a Nação de opróbrios. Veio na hora precisa.

Nós vamos fazendo por aqui o que podemos. Sem falar nas casas de Lisboa e Coimbra, esta de Paço de Sousa ficou este ano com 23 de 4.ª classe, alguns dos quais distintos. O Manuel Costa, fez o curso comercial. Zé Eduardo, o 5.º do Liceu e o Carlos Inácio tem de repeti-lo. Faisca, passou para o 3.º. Irmão do Zé Eduardo, admissão. Zé Lemos, admissão.

Já me encontro ao serviço da melhor Companhia de Moçambique. Assim me disseram muitas pessoas e eu confirmo. Realmente é uma Companhia onde o seu empregado encontra aquilo de que necessita. Isto vale de muito. Aqui, tanto o empregado do escritório como o operário, vive um nível de vida diferente da Metrópole.

Já me encontro ao serviço. Tenho como colegas de «república» o Amadeu Mendes e outro rapaz. Em cada mês fica um de D. Maria. Este é o responsável pela comida. A D. Maria deste mês é o Amadeu Mendes e para o próximo serei eu. Espero apresentar aos meus colegas algumas novidades da Metrópole. Vai ser comer e chorar por mais. Vamos a ver.

Saudades do

CARLOS GONÇALVES

PROPAGAI

«O Gaiato»

ISTO É A CASA DO GAIATO



EU tinha prometido a este último, por ele me haver perdido, uma colocação em África. Andei por lá. Apalpei. O António caíra ali muito bem. Ele tem o dom de comando, é honesto, sabe — tudo qualidades de triunfo. Passando a fronteira, na África Inglesa, seriam duas libras por dia. Ficando em território nosso, com algum capital que eu lhe fornecesse, era um mestre na sua oficina.

No meu regresso, contei lhe

~~~~~  
*Eu-lhe! Esperei dez anos por este dia; foi justamente em 1943, que começamos a edificar nesta terra de Egas Moniz. Esperei dez anos!*

~~~~~  
Quantos trabalhos que só Deus conhece! Que de brancas que só Deus conta! É esta a moeda com que compramos a felicidade dos outros!
 ~~~~~

tudo, lealmente. Primeiro ele. Primeiro o seu bem. Nós estamos aqui por causa deles. No entanto, propus. Ele ficaria por mestre das oficinas aqui em casa, com a obrigação de ensinar e formar carpinteiros. Em troca, dava-lhe por doze 500<sup>m<sup>2</sup></sup> de terreno e uma casa. Dei-lhe 8 dias para se determinar. Não é preciso, disse. *A sua vontade é a minha.* Dentro em breve, nas nossas oficinas, devemos ter vinte rapazes ao banco.

O Júlio Mendes terminou o seu curso comercial com distinção em 1949. Estava eu no Brasil. Aconselhado, então, a procurar emprego, Júlio, procurado na oca-



sião, por Bancos e Firmas, segurava-se e diz que não. *Não quero ser desleal a fulano (eu). Quando ele regressar dirá.* Não é preciso mais nada para classificar um Amigo. Está justificado o lote de 500<sup>m<sup>2</sup></sup> e casa de habitação.

A nossa Obra é única em seu género, por isso escandaliza. Além do mais, apresenta-se e é, de facto, uma Obra Familiar. Dispensa estranhos. Chama à responsabilidade e exige dos Escolhidos. Nunca se viu tal entre nós...!

Dito isto, vamos ao casamento. As horas estavam todos na igreja paroquial. Tudo ali era presença. Primeiramente a de Jesus, o de Caná! Depois as duas Uniões. Padrinhos. E também o tesouro da Obra da Rua. A sua incomensurável riqueza. Aquilo que a recomenda e faz dela uma Obra viva. O quê? Duzentos irmãos do Júlio e António. Só isso? Não. Não senhor. Também pedreiros e carpinteiros e trolhas e pintores e jornaleiros com seu mestre d'obras à frente. Todos quantos actual-

mente trabalham nas obras da Obra da Rua, aos quais se deu o dia, pagando o diário. Nós temos necessidade da cooperação destes trabalhadores. Dos fracos. Dos doentes. De todos quantos olham e esperam de nós. Eles não podiam faltar na primeira grande festa da Comunidade, — e vieram.

Para terminar o humilde relato, vai agora a página de ternura: as prendas de casamento que de norte a sul quiseram mandar aos novos. Não são de dizer as dedicatórias! Não são de descrever as coisas dedicadas! É um mundo de interesse, de beleza, de carinho. É um tomar parte!

Que o Bom Deus acrescente a vida de todos! Aquele *acrescentar* não deve tomar-se por linguagem dos homens. Deus, muitas vezes, tirando, acrescenta! E este acréscimo que eu peço para todos.

Os dois Escolhidos tomaram conta das suas responsabilidades; o António das oficinas de carpinteiro e o Júlio da tipografia. Ganham um salário que lhes garan-

te alimento, educação dos filhos e pé de meia. Não é nenhum favor que se lhes faça; é de justiça.

\*\*\*

O Júlio, creio que foi ó Canossa, no Porto, mas o António não. O António foi o Abel, que talhou; os mais ajudaram e todos juntos fizeram o lindo fato de casamento. Ficou que nem uma luva! No final, em comissão, vieram ter comigo, pedindo-me para oferecerem o seu trabalho. Eu disse logo que sim. Ficou que nem duas luvas! Viva o Abel!

\*\*\*

Estiveram presentes no altar o P.<sup>o</sup> Adriano e P.<sup>o</sup> Horácio e o Engenheiro Galamba, amanhã *padre da rua*. O primeiro foi quem amarrou os nubentes na estola do celebrante. O segundo, ao micro explicava. Os nubentes, apresentaram a Matéria do Santo Sacrifício. O *Sejaquim*, bem como nunca, executava. Vozes de crianças entoavam. O povo não cabia na igreja, por numeroso; nem em

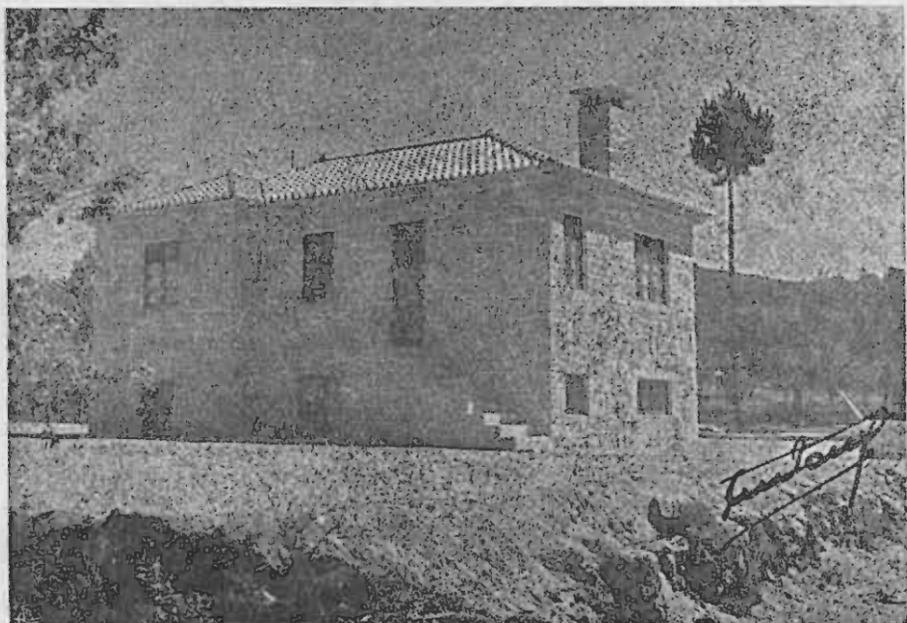
si, de contente: — uma Visão de Caná da Galileia com a Presença Real de Jesus!

\*\*\*

O P.<sup>o</sup> Miguel, abade da freguesia, foi verdadeiramente de excessos, tendo tido o cuidado de arranjar a capela mor do templo e o altar e os paramentos — tudo a tempo e horas.

\*\*\*

O dia foi prá romaria; oficinas fechadas e a tropa nas margens do Sousa. Mais regalado, nunca houve cá na aldeia! Só os da venda é que não. Estes, seguiram de manhã para a sua obrigação, com muita pena e eu muito mais. Na segunda-feira, não se esqueceram dos seus direitos. Apenas chegados do Porto e tendo prestado contas, vêm-me pedir folga. *Queremos o casamento do Júlio e do António.* Percebi. Admirei o espírito de justiça. Deixei-os ir e todo o santo dia, não saíram do Rio Sousa! O Tomar, o Malhado, o P. pagaro, o Tino e mais e mais.



Quem casa quer casa. As deles são assim. Em roda, o quintal. Salário que dá para alimentar, vestir, educar filhos e ainda para o pé de meia. Favor? Predilecção? Não senhor. Então quê? Justiça.



A igreja era isto! Os corações estavam cheios! Jamais um plebeu viu tamanha festa em dia do seu noivado. — nunca! As flores empanaçam! Os confetos produziram galos e negras. O fotógrafo esteve em riscos e sofreu perdas no vidro da máquina!